

PROJETO LAÇOS DO ABC

MÓDULO SOBRE SEXUALIDADE

2ª Aula

Maria Aparecida Barbirato

mabarbirato@uol.com.br

Roteiro desta aula

- Corpo e Gênero
 - O conceito de corpo erógeno
 - Relações de gênero
 - Masculinidades e Violência
- Violência x Inclusão
 - Direito como construção histórica
 - Direitos sexuais e reprodutivos
 - Nossa dificuldade com a diferença

Grupos Turma 3

- **G1 - Sto André – articulador: Claudemir**
- **G2 – Sto André – art.: Carla Regina**
- **G3 – SBC – art. Sergio**
- **G4 – SBC – art. Elizangela**
- **G5 – SCS – art.:....**
- **G6 – Mauá – art.:....**
- **G7 – Diadema – art. Tatiana**

Atividade com o grupo:

Retomar os sub-grupos da 1ª aula:

- Desenharem o **corpo** e criarem um **personagem** da faixa etária que discutiram.
- Definirem **que cuidados esse personagem precisa e quem lhe oferece**.
- Destacarem **o que lhe ensinam**, nessa idade, **sobre gênero**.
- Registrarem sua discussão, para **apresentar ao grupo**.

A teorização sobre o corpo, em Freud

- A articulação dos conceitos apresentados a seguir foi extraída do livro “Corpo” de Maria Helena Fernandes (Ed. Casa do Psicólogo, 2003), que reproduz integralmente seu trabalho de pós-doutorado realizado entre 1999 e 2001.

A noção de corpo erógeno

- As postulações de Freud iniciam um movimento de transformação nas concepções vigentes sobre o corpo.
- Para ele, o corpo não se confunde com o organismo biológico.
- O percurso de suas teorizações funda a noção de um corpo psicanalítico ou erógeno, habitado pela pulsão e pela linguagem.

A diferença entre corpo e organismo

- “O corpo biológico obedece às leis da distribuição anatômica dos órgãos e dos sistemas funcionais, constituindo um todo em funcionamento, isto é, um organismo.
- O corpo psicanalítico obedece às leis do desejo inconsciente, constituindo um todo em funcionamento coerente com a história do sujeito.” (Fernandes, p.110)

Diferentes lógicas

- J. Birman aponta que a psicanálise realiza a passagem da **lógica da anatomia** para a **lógica da representação**.
- Fernandes acrescenta a **lógica do transbordamento** coexistindo com a lógica da representação, constituindo ambas os pilares fundamentais para se refletir sobre o corpo, no pensamento freudiano.

A racionalidade do corpo psicanalítico

- “ O corpo, em Freud, se rege por uma dupla racionalidade: a do somático e a do psíquico.
- A racionalidade que rege o psíquico se fundamenta no encontro do ser humano com a trama de representações parentais, que constrói o psíquico na primazia da erogeneidade.” (Fernandes, p 112)

Uma distinção importante

- A psicanálise não é uma teoria psicológica do somático, nem uma interpretação simbólica direta do corpo ou de suas doenças.
- O psíquico não é um mestre que reina sobre os destinos do biológico, nem o somático é seu mero substrato causal.
- “Uma doença somática, uma lesão que afeta um órgão, é uma realidade, mas não é, por isso, menos singular e particular para cada sujeito.”
(Fernandes, p.98)

O que lhe cabe

- “ Cabe à abordagem psicanalítica do corpo tudo aquilo que o toca na palavra. Isto é, todas as formas de viver o corpo e colocá-lo em palavras.” (Fernandes, p.103)
- O que interessa à psicanálise são os destinos que o aparelho psíquico vai dar àquilo que afeta o corpo.

A construção do corpo erógeno

- Freud define a pulsão como um conceito limite entre o somático e o psíquico.
- A pulsão tem sua origem no interior do organismo e age como uma força constante, da qual não podemos escapar.
- O corpo é, portanto, antes de tudo, um **corpo pulsional**, lugar da emergência das pulsões parciais.

A exigência de trabalho psíquico

- “Essa ligação do psíquico com o corporal, essa incontornável corporeidade do sujeito, exige trabalho – trabalho psíquico - para conseguir lidar com as excitações que provêm do interior de si mesmo.”

(Fernandes, p. 79)

O percurso desse conceito

- Em **1905**, nos “Três ensaios sobre a teoria sexual” Freud atribui valor aos orifícios do corpo, nomeando-os de zonas erógenas e indica que elas podem substituir os órgãos genitais, comportando-se de forma similar a eles.
- Trata-se da emergência do **corpo fragmentado do auto-erotismo**.

O percurso do conceito

- Em **1914**, em “Para introduzir o narcisismo” Freud atribuirá ao corpo inteiro essa erogeneidade, que até então estava reservada às zonas erógenas da sexualidade infantil.
- Trata-se da passagem do corpo auto-erótico ao **corpo narcísico**.
- Com esta passagem, o corpo passa a constituir-se num **corpo erógeno**.

O percurso do conceito

- Aqui, o sujeito toma seu próprio corpo como objeto de amor.
- “O registro do narcisismo propõe a idéia de um corpo unificado. O próprio corpo se encontra, assim, colocado no lugar de si mesmo.” (Fernandes, p.80)

O percurso do conceito

- Desde **1920**, Freud afirma que, face às excitações externas, intervêm uma espécie de escudo protetor, que ele chama de pára-excitações.
- Sua função é regular as quantidades de excitação que chegam ao aparelho psíquico.
- Contudo, face às excitações internas, não há como o aparelho psíquico se proteger, ficando sujeito a um aumento muito grande do desprazer.

O percurso do conceito

- Essa é a explicação que ele encontra para o **mecanismo de projeção**, quando tratamos as excitações internas como se fossem externas, podendo, então, utilizar como meio de defesa o pára-excitações.
- O corpo será, então, entendido como um lugar de onde podem partir percepções internas e externas.
- Será sua constituição entre o interior e o exterior que contribuirá para a interminável distinção entre eu x outro, entre dentro x fora.

O percurso do conceito

- Em **1923**, Freud dirá que a dor tem um papel no conhecimento de nossos órgãos e a vê como o protótipo de como chegamos à representação do interior do nosso corpo.
- Pierre Fédida destaca que é ela que nos permite uma representação do nosso corpo em geral e que essa representação vai além de uma imagem corporal.

O percurso do conceito

- Em **1926**, Freud concebe que a ausência da mãe causa dor e não angústia no bebê e qualifica essa ausência como traumática.
- Desde 1920, sua definição de trauma se refere “ao resultado de uma desproporção entre a intensidade pulsional e as possibilidades de elaboração do aparelho psíquico.” (Fernandes, p.114)

O percurso do conceito

- “É a idéia da ausência do outro que está na origem da abordagem freudiana da dor.” (Fernandes, p.84)
- Conclui que a transferência da dor do corpo para o domínio anímico depende da direção do investimento libidinal.

O percurso do conceito

- Ainda em **1923**, Freud diz que o ego é antes de tudo um **ego corporal**.
- Lacan dirá que a percepção da própria imagem especular é fundadora da instância egóica.
- Winnicott vai relacionar corpo, imagem e identidade, dizendo que “o surgimento de identidade é consecutivo ao reconhecimento de si no rosto da mãe”.

O percurso do conceito

- Birman remete o conceito de ego corporal à função da mãe de escudo protetor ao acolher, nomear e transformar as forças pulsionais do bebê.
- Esse acolhimento possibilita a transformação de um corpo de sensações em um corpo falado e é ele quem oferece ao bebê a experiência da presença da mãe.
- Piera Aulagnier dirá que tal investimento requer que a mãe tenha, com seu próprio corpo e também com o corpo do bebê, uma relação de prazer.

O percurso do conceito

- Ela também articula a possibilidade de prazer da mãe, na sua relação com o pai, com a facilidade de acesso da criança aos prazeres da sexualidade infantil na constituição do auto-erotismo, à passagem em direção ao narcisismo e mais tarde à procura do prazer objetal, por entender que são os prazeres parciais do começo que preparam o acesso ao gozo sexual.

O percurso do conceito

- Freud diz que o papel da mãe não é apenas o de garantir a sobrevivência do bebê, mas ao mesmo tempo o de permitir o acesso ao prazer, por meio da promoção da sexualidade.
- “O outro é o pólo investidor que vai transformar o corpo biológico em corpo erógeno”. (Fernandes)

O percurso do conceito

- “Esse outro seria a condição para que o corpo se torne um corpo próprio. O que equivale a dizer que é o investimento libidinal no corpo da criança ...que, ao torná-lo erógeno, permite-lhe o acesso à simbolização.”
- “A erogeneidade é, portanto, aquilo que aponta ao corpo sua qualidade de corpo próprio.” (Fernandes, p.92)

O percurso do conceito

- Freud trabalhou com o paradoxo de que mesmo que o corpo nos identifique a nós mesmos, ele não equivale automaticamente a um corpo próprio.
- O corpo é constituído e “resulta dos confrontos entre alteridade e ausência”.
(Fernandes, p.92)

A tese

- Entende que o corpo, na atualidade, é um alvo privilegiado do ideal social vigente de completude e de perfeição e, ao mesmo tempo, veículo de expressão do mal estar contemporâneo.
- Sugere que o predomínio atual das patologias da ação e do corporal indicam que “a plataforma dos conflitos tem migrado do interior para o exterior dos sujeitos”.

A tese

- Destaca que os modos de subjetivação reproduzem o que circula como representação coletiva e que o imaginário de cada época atravessa a construção dos novos sintomas.
- A pergunta que move seu trabalho é: como o corpo pode ser acolhido pelo psicanalista , na sua escuta.

A tese

- Enfatiza o papel, na relação analítica, do trabalho de **construção de sentidos** dos sintomas.
- Entende que esta tarefa se desenvolve por meio do **acolhimento** e da **colocação em palavras**, criando uma cadeia associativa que permita ao paciente inscrever seu sofrimento em sua história.

Poema de Paulo Henrique Brito, em citação de Laurinda Ribeiro sobre a função da linguagem e da criação, como escudos contra a violência, por suporem sempre a presença de alguém:

“A linguagem é coisa delicada, de se pegar com a ponta dos dedos.
Um gesto mais brutal, e pronto: o nada.
A qualquer hora pode advir o fim.
O mais terrível dos medos. Mas, felizmente, não é bem assim.
Há uma saída – falar, falar muito.
São as palavras que suportam o mundo,
não os ombros. Sem o “porque”, o “sim”,
Todos os ombros afundavam juntos.
Basta uma boca aberta (ou um rabisco de papel)
para salvar o universo.
Portanto, meus amigos, eu insisto: Falar sem parar.
Mesmo sem assunto.”

Atividade com o Grupo:

Material educativo da ECOS

“Minha Vida de João” (23’)

Relações de Gênero - I

- As sociedades estabelecem modelos de conduta específicos e distintos para as pessoas em função de seu sexo.
- Isso tem determinado estereótipos rígidos a respeito do que é ser menino ou menina, homem ou mulher.
- O uso do **conceito de gênero** relativiza e questiona essa determinação, tentando distinguir a dimensão biológica dos atributos culturais de cada um dos sexos.

Relações de Gênero - II

O CONCEITO DE GÊNERO ENFATIZA A
PERSPECTIVA RELACIONAL E A
ESCOLHA CULTURAL NA
CONSTRUÇÃO DAS VÁRIAS FORMAS
DE SER HOMEM E SER MULHER.

Exemplos de conteúdos

5 a 8 anos*

- Não existem atividades exclusivas de meninos ou de meninas.
- Meninos e meninas têm semelhanças e diferenças.
- Existem muitos jeitos de ser menina e muitos jeitos de ser menino.
- Adultos – homens e mulheres – têm papéis importantes na educação das crianças.
- Todas as tarefas da vida cotidiana podem ser realizadas por homens e mulheres.

*Guia de Orientação Sexual”

Exemplos de conteúdos

9 a 12 anos*

- Talento, características de personalidade, potencial e projetos para o futuro não são determinados pelo sexo da pessoa.
- As pessoas, ao esperar que meninos e meninas se comportem de forma estereotipada, estão induzindo seu comportamento.
- Os estereótipos de gênero distorcem a realidade, superficializam e empobrecem as relações entre as pessoas.

Exemplo de conteúdos

12 a 15 anos*

- Valores e atitudes a respeito do comportamento apropriado para homens e mulheres diferem entre culturas, famílias e indivíduos.
- Às crianças e adolescentes de ambos os sexos deveriam ser dadas as mesmas oportunidades.
- Deveriam ser dadas as mesmas oportunidades a homens e a mulheres.
- A lei protege o direito de crianças e adolescentes de ambos os sexos a ter igual acesso a atividades educativas, culturais, esportivas e de lazer, bem como de atenção à saúde.

Exemplo de conteúdos

15 a 18 anos*

- Pessoas ainda recebem tratamentos diferenciados em função de seu sexo, ainda que a lei proíba tal conduta.
- Estereótipos de gênero podem causar problemas tais como: desigualdade nas aspirações, diferentes oportunidades e salários no mercado de trabalho, sobrecarga nos trabalhos domésticos e no cuidado dos filhos, assédio ou abuso sexuais, etc.
- Os indivíduos deveriam fazer suas próprias escolhas sobre comportamentos e projetos de vida mais apropriados para si mesmos, independente de serem homens ou mulheres.

Masculinidades e Violência

- Lia Zanotta Machado, em pesquisa realizada com prisioneiros por crime de estupro, com agressores acusados de **violência física** contra suas companheiras e com jovens infratores, destaca:
- Que essas vivências problemáticas não são formas desviantes, mas formas sempre inscritas na **construção social da idéia de masculino.**

O que a pesquisa escutou:

- **Dos estupradores:** um antagonismo entre o masculino como sujeito da sexualidade e o feminino como seu objeto.
- **Dos parceiros agressores:** uma articulação entre masculinidade e a busca de controle dos desejos do outro.
- **Dos jovens infratores:** a masculinidade como uma encenação espetacular de poder e de controle.

A brecha que surgiu

- O imaginário da paternidade, articulado à masculinidade, na fala dos parceiros **agressores** e dos **jovens infratores**, aponta para um desejo que não seja somente de controle do outro.

Paradoxo apontado

- Entre o que está de longa data enraizado na cultura ocidental moderna – igualando o masculino com o violento - e as tendências atuais da universalidade de direitos.
- A autora sugere que se a sociedade contemporânea pretende investir no processo de pacificação, será necessário repensar e reinventar as concepções vigentes sobre masculinidade e sobre as relações entre os gêneros.

Contribuições da Palestra de Paulo Endo

- A partir do resgate histórico de Jack, o Estripador, destaca o corpo da mulher como lugar sacrificial para a violência masculina. E o espaço privado como receptáculo e refúgio secreto das loucuras masculinas.
- A partir de exemplos brasileiros recentes, aponta que a sociedade anula a singularidade do feminino transformando as mulheres em homens.

Violência x Inclusão

- Percurso da Construção do Direito.
- Direitos Sexuais e Reprodutivos.
- Nossa Dificuldade com a Diferença.

Violência x Inclusão

- Algumas das articulações entre os conceitos de violência e inclusão foram extraídas do livro “Violência” (Ed. Casa do Psicólogo, 2005), de Maria Laurinda Ribeiro de Souza.

Direito como construção histórica

Falar em direitos significa afirmar sua concepção enquanto uma construção histórica.

Em oposição a uma noção do **direito como algo imutável**, inerente a forças transcendentais ou à natureza das coisas ou das pessoas.

A construção do direito - I

- No mundo antigo e no mundo medieval as sociedades eram organizadas em torno de grupos de governantes e de poderes estabelecidos que **excluía**m de cidadania, isto é, **de quaisquer direitos, os estrangeiros, as mulheres, os negros, as crianças, os escravos.**
- A **monarquia**, por exemplo, assentava-se no **direito divino**. Assunto, portanto, que não competia à alçada humana.

A construção do direito - II

- O **destino** dos homens, então, era **expressão de intenções divinas**, com significados ocultos e enigmáticos.
- O conceito de **tolerância**, que já inclui algum respeito pelo outro, surge apenas no século XVII.
- E o termo **risco** – com o que ele implica de escolhas e suas respectivas consequências - **surge apenas na era moderna, como alternativa à noção de destino.**

A construção do direito - III

- A **noção de risco** está associada também ao **conceito de indivíduo**, que ganha prevalência no mesmo período, constituindo-se como um **emblema da era moderna**.
- Será **no século XVIII**, com a revolução francesa, que **mudará o paradigma do direito no ocidente**.
- Sob a bandeira da liberdade, da igualdade e da fraternidade e **sustentado na idéia** de que a **natureza humana**, para além de nossas diferenças, **nos unifica a todos como seres humanos**.

Cabe lembrar...

Que alguns eram mais iguais que outros.

- A bandeira da igualdade atingiu, por quase dois séculos, a nova categoria social de homens, brancos, burgueses, colonizadores, indivíduos que passaram a ser donos de seus destinos em ascensão social.
- Continuaram de fora dessa igualdade de direitos as mulheres, os negros colonizados, os povos indígenas, as crianças e outras categorias, tidos então como “naturalmente” inferiores.

A construção do direito - IV

- Com a **criação da Organização das Nações Unidas em 1945** e a posterior adoção de declarações, convenções e tratados internacionais, **os direitos humanos** deixaram de ser uma questão exclusiva dos Estados nacionais, passando a ser **matéria de interesse da comunidade internacional**.
- O **primeiro documento universal** existente foi a **Declaração dos Direitos Humanos, de 1948**.

A construção do direito - V

- Surgiu após a **Segunda Guerra Mundial**, com uma **função de reconstrução ética**, em **contraposição ao nazismo**.
- Na época, foi assinada por 48 países dentre os 56 estados nacionais existentes.
- Em **1993** foi reafirmada por mais de 170 nações na **Conferência Mundial de Direitos Humanos**, em Viena.

A declaração dos direitos humanos

- Constitui o principal **marco** no desenvolvimento **do direito internacional**.
- **Paradigma ético** a partir do qual se pode medir e contestar ou afirmar a legitimidade de regimes e governos.
- Esta concepção da construção e reconstrução do Direito é característica, portanto, da nossa época e **uma das marcas da modernidade**.

Trata-se de um conjunto indissociável e interdependente de direitos individuais e coletivos

- **Civis**: direito à vida, ao respeito, à segurança, à justiça, à não discriminação e à não violência.
- **Políticos**: liberdade de expressão e de participação nas decisões políticas.
- **Econômicos**: direito ao trabalho.
- **Sociais**: à educação, saúde e bem estar social.
- Dentre outros que assegurem o **respeito à dignidade e à proteção da integridade**.
- **É a prática de todos eles que configuram um estado democrático.**

Quase 200 anos depois...

- Será a partir da **segunda metade do século XX**, que várias conferências internacionais passarão a destacar e a dar legitimidade para a luta de **grupos populacionais excluídos de direitos** pelos Estados, até então.
- Destacam-se aí o movimento de **mulheres**, de **negros**, dos **homossexuais**, dos povos **indígenas** e aqueles em defesa das **crianças**, dos **adolescentes**, dos **idosos**, das **pessoas com deficiência**.

A construção do direito - VI

- Se inicialmente, na contraposição ao nazismo, o que se iluminava era o tom de **igualdade** entre os indivíduos, o que se seguiu têm sido a especificação de suas **singularidades** enquanto sujeitos de direitos, englobando as perspectivas de gênero, etnia, diversidade sexual, dentre outros.

Direitos de Inclusão - I

- Quaisquer que sejam eles, esses direitos estão fundamentados **nos marcos da equidade**, isto é, fundamentam-se nos princípios de justiça que induzem a um critério de igualdade, ainda que em detrimento do direito objetivo.
- São, portanto **direitos de inclusão**.
- Almejam mais **justiça social** e a ampliação dos direitos de **cidadania**.

Direitos de Inclusão - II

- Mesmo que se constituam inicialmente enquanto virtualidade e apesar de poder não parecer, o **discurso**, a **letra da lei** e o **direito à palavra** fazem uma diferença importante na ordem social e na constituição da nossa subjetividade.
- Eles são o veículo por meio dos quais é possível a construção de uma **inclusão simbólica**.
- Isto significa ampliar as possibilidades de pertencimento na cultura, assim como da **construção de novos laços sociais**.

Direitos Sexuais e Reprodutivos

- Pretendem que o exercício da **sexualidade** possa ser vivido **com autonomia** e a que a **capacidade reprodutiva** das pessoas possa ser exercida **com dignidade**.
- Têm tido, desde o início de sua história, o movimento organizado de mulheres como seu principal combustível.
- Com o advento da aids, somaram-se outras forças sociais e avançou-se na discussão sobre os direitos sexuais e na visibilidade da diversidade sexual.

Destacam-se como marcos neste percurso

- Em **1968** - Conferência de Teerã: a **associação do conceito de planejamento familiar aos direitos humanos.**
- Em **1975** - II Conferência Mundial da Mulher, no México: a **crítica contundente às políticas de controle da natalidade.**

Marcos neste percurso - II

- Em **1985** - III Conferência da Mulher, em Nairobi: **a relação entre função reprodutiva e cidadania**, isto é, que a promoção dos direitos reprodutivos é requisito indispensável para a inclusão das mulheres numa justa posição na sociedade.
- Em **1995** - IV Conferência Internacional da Mulher, em Beijing: que recomendou aos Estados a possibilidade de **revisar as leis que prevêm medidas punitivas para as mulheres que realizam abortos ilegais**.

Paralelamente

As **Conferências sobre População e Desenvolvimento** promovidas pela ONU, **superando uma concepção** estritamente **demográfica**, foram decisivas no esforço de comprometer os países com o campo da saúde reprodutiva.

As Conferências de População e Desenvolvimento

- Em **1974**, em Bucareste, o princípio do direito ao **planejamento familiar**, antes referido aos casais, **estendeu-se também aos indivíduos**.
- Em **1984**, no México, foi firmado o princípio de que as **mulheres** devem ser vistas como **sujeitos** e não objetos **do planejamento familiar**.

As Conferências de População e Desenvolvimento

- Em **1994**, no Cairo, introduziu-se o conceito de direitos sexuais e reprodutivos na normativa internacional e **inseriu-se os adolescentes** nas normas, programas e políticas públicas deste campo.
- Em **1999** o Documento de Revisão do Programa Cairo + 5 garantiu **os direitos** dos adolescentes à **privacidade, ao sigilo, à educação sexual e à assistência em saúde reprodutiva.**

A situação das crianças

- As crianças ainda não estão contempladas, nas normativas nacionais e internacionais, no campo dos direitos sexuais.
- Expressão disso, no Brasil, é que o ECA não inclui os temas relacionados à sexualidade nos direitos das crianças (e nem nos direitos dos adolescentes).

No exercício de ir construindo aquilo que está por ser feito.....

- **Guia de Orientação Sexual, (1994)** afirma o direito de toda criança e adolescente a receber orientação sexual e preconiza como valores, entre outros, que:
 - Indivíduos e sociedades se beneficiam quando as crianças são capazes de conversar sobre sexualidade com seus pais e/ou outros adultos confiáveis.
 - Pessoas jovens que têm relacionamentos sexuais precisam ter acesso a informações e a programas de saúde de qualidade

Parâmetros Curriculares Nacionais

- Em **1995** o Ministério de Educação e Cultura define o tema da **Orientação Sexual** como um dos seis **temas sociais urgentes** a serem abordados como temas transversais nas escolas, com crianças e com adolescentes.
- Em **1997** disponibiliza esse conteúdo para as escolas, na forma de Diretrizes.

Publicação brasileira de 2004 sinaliza como direitos sexuais das crianças:

- Ter contato físico com a mãe e ser sensorialmente estimulada.
- Crescer em um ambiente onde haja modelos de afeição que se constituam em parâmetros significativos para seu desenvolvimento.
- Viver em uma ambiente familiar não restritivo à auto-exploração corporal.
- Receber respostas honestas, não sendo enganada com mentiras, subterfúgios ou reticências.

Direitos sexuais das crianças

- Ter a sua curiosidade respeitada, sem ser abarrotada de informações.
- Receber uma educação sexual abrangente.
- Não ser sexualmente usada pelos adultos.
- Não ser usada comercialmente.
- Ser educada de modo a ser sexualmente responsável.
- A prerrogativa de ter todos esses direitos respeitados.

Distingue as atitudes frente à sexualidade infanto-juvenil em:

- **Atitude repressiva**:nega as expressões da sexualidade da criança e do adolescente, proibindo suas manifestações e estigmatizando-as como algo impróprio e errado.
- **Atitude permissiva**:super-expõe e estimula suas manifestações, sem estabelecer qualquer tipo de limite.

Atitudes frente à sexualidade infanto-juvenil

- **Atitude abusiva:** invade a sexualidade da criança e do adolescente, tratando-a como um convite para satisfazer a sexualidade do adulto.
- **Atitude protetiva:** reconhece as manifestações da sexualidade de crianças e adolescentes, orienta e intervém quando necessário, evitando repressões e exposições excessivas.

Da intenção ao gesto...

- O Brasil é signatário das Declarações de todas as Conferências Internacionais citadas.
- Já transformou alguns desses compromissos em leis.
- E parte dessas leis, em políticas públicas.
- Exemplos disso: a Lei de Planejamento Familiar, de 1996, os PCN, o Programa Nacional Anti-aids, o atual Programa do governo federal sobre os métodos contraceptivos e contracepção de emergência.

Da intenção ao gesto...

- Mas a vigência das leis e das políticas públicas não se garante por decreto.
- Elas dependem do compromisso com sua aplicação e continuidade, para além das mudanças de partidos no governo.
- E dependem de sua colocação em prática pelas outras instituições sociais e por cada um de nós.

Também é bom lembrar que...

- A mesma sociedade que constrói o Estado de Direito, visando à inclusão social, é aquela que o substitui pelo poder do consumo, isto é, que transforma o cidadão em consumidor, produzindo violentas formas de exclusão das diferenças e do reconhecimento do outro.
- A violência e suas manifestações acompanham e são o reverso da medalha de todo processo civilizatório.
- É possível contrapor-se a ela, reduzindo seu campo de ação e seus efeitos, mas não é possível eliminá-la.

O pacto civilizatório

- **A existência da cultura depende da coletividade poder inscrever na sua história tanto a violência da exclusão quanto o seu enfrentamento, pela validação de atos de justiça que consertem as rupturas da ordem social e confirmem assim, a cada vez, a palavra da lei.**

É bom não esquecer...

- **A afirmação da cultura também depende de podermos ultrapassar nossa condição narcísica, abrindo possibilidades para o reconhecimento das diferenças e para o convívio com a alteridade como algo que, apesar de difícil, possa ser considerado como valioso.**

Sobre a nossa dificuldade com a diferença

- Remonta à constituição do psiquismo e da subjetividade humana.
- Relaciona-se com o 1º tempo do nosso desenvolvimento, tempo do auto-erotismo e da necessária vivência fusional regida pela **indiferenciação**.
- E nós continuamos a buscar esse paraíso perdido, mundo afora.

Diferentes mas não desiguais

- **É comum confundirmos inclusão com a negação das diferenças.** Ou, dito de outra forma, **é comum qualificarmos a explicitação das diferenças como um ato de discriminação e de preconceito, portanto como um tipo de violência.**

O que a diferença inscreve

- É a nossa **incompletude**. Não somos tudo, não temos tudo. Não podemos tudo. Não sabemos tudo.
- Ao longo do desenvolvimento, reagimos ao incômodo dessa limitação de diversas maneiras.
- Pela **negação** da diferença.
- Pela **recusa** (que para a psicanálise significa saber e ao mesmo tempo ignorar o que sabemos).
- Pela **projeção** (mecanismo indispensável ao narcisismo incipiente do 2º momento do desenvolvimento psíquico).

Sobre a constituição do narcisismo

- Instala o paradoxo de que o outro determinante para a nossa sobrevivência e bem estar, será também o depositário primeiro da nossa hostilidade.
- Por isso, Freud postulou que o ódio é anterior ao amor.
- Sartre disse que o inferno são os outros.
- E Caetano, que narciso acha feio o que não é espelho.

Sobre o funcionamento narcísico

- **O preconceito, a intolerância e o fanatismo** – situações nas quais excluímos o outro como algo que não nos diz respeito em absoluto - **revelam**, de forma mais ou menos acentuada, **a vigência do infantilismo narcísico**, constitutivo arcaico da estrutura egóica de todos nós.
- **Para que possamos vencer essa hostilidade original ao objeto** e oferecer-lhe um lugar de acolhida, **é necessário** que nos tornemos capazes de **perceber que o sofrimento e o desprazer podem advir também de dentro de nós** e não apenas de fora.

O psiquismo humano

- Um lugar de **coexistência de opostos**.
- Um **território virtual dos conflitos**.
- Onde a polaridade eu-outro, amor-ódio estão sempre presentes, demandando trabalho psíquico.
- Sua constituição é deflagrada pelo encontro – mais ou menos traumático - da criança com a alteridade do adulto, **fonte** inevitavelmente **estrangeira de mensagens**.

O estrangeiro

- Para o senso comum é o diferente, o distante.
- **Para a psicanálise, o estrangeiro é, antes de mais nada, o próprio eu.**
- **É o que há de mais familiar e estranho, de mais íntimo e exterior para nós mesmos.**
- É o outro que habita nossa casa desde sempre.
- É a fonte de todas as nossas representações, mas é ela mesma irrepresentável.

O convívio com a diferença

- Depende da nossa **capacidade de hospitalidade para com o estrangeiro** – entendido como o outro diferente, mas também como o inquietante de dentro nós mesmos.
- Reconhece que conviver significa **deparar-se com desafios para os quais não temos respostas claras.**
- Demanda suportar não saber e **tolerar essa insuficiência, sem precisar projetá-la para dentro de nenhum outro.**

A origem das palavras

- O termo **hospitalidade**, de origem latina, vem de ***hostis***, cujo significado **se refere a hostil, mas também a hóspede**.
- **Xenofobia** deriva do grego antigo. ***Xenos*** designa **hóspede que se acolhe e se honra**. ***Phobos*** significa **fuga e pavor**. Juntas, representam o ódio ao estrangeiro.
- Para os gregos, **o estrangeiro** – ***ksênos*** – não **se refere** ao bárbaro de língua ininteligível, mas **ao cidadão próximo de uma comunidade vizinha**.

A origem das palavras

- Todos esses termos **indicam em sua raiz a ambigüidade que os constitui, ambigüidade semelhante à que produz em nós a presença do estrangeiro**, do enigmático de dentro ou de fora.

Maria Laurinda Ribeiro de Souza
“Violência”

Considerando o cotidiano institucional de vocês:

- Que condições favorecem a prática inclusiva?
- Que condições favorecem a reprodução da violência?